

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**JONATHA MELO DE ALMEIDA**

**Investimentos e opinião pública. Como a presença econômica da China no Brasil  
afeta a opinião dos brasileiros sobre o governo chinês?**

**RECIFE**

**2024**

JONATHA MELO DE ALMEIDA

**Investimentos e opinião pública. Como a presença econômica da China no Brasil afeta a opinião dos brasileiros sobre o governo chinês?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Ciência Política.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Nara de Carvalho Pavão

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Almeida, Jonatha Melo de.

Investimentos e opinião pública. Como a presença econômica da China no Brasil afeta a opinião dos brasileiros sobre o governo chinês? / Jonatha Melo de Almeida. - Recife, 2024.

42 : il., tab.

Orientador(a): Nara de Carvalho Pavão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciência Política, 2024.

Inclui referências, apêndices.

1. Opinião Pública. 2. Investimentos Estrangeiros. 3. Relações Brasil-China. 4. Soft Power. I. Pavão, Nara de Carvalho. (Orientação). II. Título.

320 CDD (22.ed.)

JONATHA MELO DE ALMEIDA

**Investimentos e opinião pública. Como a presença econômica da China no Brasil afeta a opinião dos brasileiros sobre o governo chinês?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciência Política.

Aprovado em: 27/03/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nara de Carvalho Pavão (Orientadora) - UFPE

---

Prof. Dr. Miguel Mikelli Lucas Alves Ribeiro - UFPE

---

Doutoranda Mariana Meneses Silvestre de Sousa - UFPE

## RESUMO

Como os investimentos estrangeiros feitos por um país afetam sua imagem frente à opinião pública do país que os recebe? Utilizando como estudo de caso os investimentos chineses no Brasil, busquei olhar para de que maneira esses investimentos se relacionam com a opinião dos brasileiros sobre o governo chinês. Para isso, mobilizei seis rodadas da pesquisa de opinião feita pelo LAPOP entre 2012 e 2023, e observei a correlação entre a confiança dos brasileiros no governo chinês com o montante total de investimentos feitos por empresas chinesas no Brasil. Como resultado, encontrei uma forte correlação positiva entre os dois (0.908), com um significativo valor-p (0.012). Adicionalmente, utilizei outras variáveis explicativas (renda, escolaridade, ideologia, frequência de consumo de notícias) para observar como estas se relacionam à percepção dos brasileiros sobre o governo chinês, não tendo sido encontradas relações significativas nestes casos.

**Palavras-chave:** Opinião Pública, Investimentos Estrangeiros, China, *Soft Power*.

## **ABSTRACT**

How do a country's foreign investments affect its image in the public opinion of the country that receives them? Using Chinese investments in Brazil as a case study, I looked at how these investments relate to Brazilians' opinions about the Chinese government. To do this, I mobilized six survey waves conducted by LAPOP between 2012 and 2023, and observed the correlation between Brazilians' trust in the Chinese government and the total amount of investments made by Chinese companies in Brazil. As a result, I found a strong positive correlation between the two (0.908), with a significant p-value (0.012). Additionally, I used other explanatory variables (income, education, ideology, frequency of news consumption) to observe how they relate to Brazilians' perception of the Chinese government, with no significant relationships being found in these cases.

**Keywords:** Public Opinion, Foreign Investments, China, Soft Power.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	9
2.1. INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS E OPINIÃO PÚBLICA .....	9
2.2. CHINA E A OPINIÃO PÚBLICA BRASILEIRA .....	14
<b>3. DESENHO DE PESQUISA</b> .....	21
<b>4. RESULTADOS</b> .....	24
<b>5. LIMITAÇÕES</b> .....	30
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
<b>ANEXOS</b> .....	39

## 1. INTRODUÇÃO

Diversas razões levam países a investir em mercados externos, como o acesso a recursos mais baratos ou de melhor qualidade, redução do custo de produção e oportunidades de negócio em economias emergentes. Dentre essas razões, também podemos citar o aumento da presença internacional do país investidor, que busca por meio desses investimentos, cultivar sua reputação e seu *soft power*. Os efeitos desse tipo de investimento são diversos, e envolvem tanto a parte econômica quanto a política. Este trabalho objetiva olhar para essa atividade através da lente do *soft power*, examinando como esses investimentos impactam na imagem internacional do país investidor.

Com esse intuito, será feito um estudo de caso dos investimentos chineses no Brasil, e como esses investimentos impactam na reputação da China perante a opinião pública brasileira. A questão que eu busco responder com essa pesquisa é: Como a opinião pública brasileira sobre a China se relaciona com os investimentos chineses no Brasil? Para isso, farei uma análise de correlação entre a variação no montante total dos investimentos chineses feitos no Brasil com a variação na taxa de confiança que a opinião pública brasileira tem em relação ao governo chinês. Adicionalmente, também olharei de maneira mais aprofundada para como essa opinião se relaciona com variáveis socioeconômicas (renda e escolaridade), ideologia e consumo de notícias. A ideia é ter uma visão mais ampla do que afeta a percepção dos brasileiros sobre o governo chinês.

A literatura sobre investimentos estrangeiros costuma focar mais nas questões econômicas envolvidas nesse tipo de atividade. Este trabalho busca se inserir na crescente literatura que estuda os retornos políticos ao país que se engaja em aumentar sua presença econômica ao redor do mundo. As relações sino-brasileiras apresentam um ótimo caso a ser estudado, devido ao constante crescimento da presença do gigante asiático na região

latino-americana (sendo o Brasil o principal destino do capital chinês na região) desde o início do século. Se inserindo também em um contexto de estreitamento dos laços entre os dois países, que vem se complexificando cada vez mais ao longo das últimas duas décadas.

Diversos fatores influenciam a imagem que as pessoas têm sobre um determinado país, como ideologia, a cobertura feita pela mídia, a retórica utilizada por lideranças políticas, o envolvimento desse país em acontecimentos internacionais, entre outros. Ao agregar a opinião dos indivíduos, e observar essa taxa ao longo do tempo, é razoável esperar uma variação nessa imagem, seja ela positiva ou negativa. Aqui, eu utilizo os investimentos estrangeiros como a variável explicativa para essa variação na imagem do país investidor frente a opinião pública. No caso dos investimentos chineses no Brasil, a expectativa é que uma maior presença econômica chinesa influencie positivamente a opinião dos brasileiros em relação ao governo chinês, levando em conta os efeitos positivos esperados desses investimentos. Porém, como efeitos negativos também se relacionam aos investimentos, torna-se necessário olhar primeiro para como a opinião pública os percebe antes de formular a hipótese a ser testada.

A estrutura deste trabalho se dará da seguinte maneira: Na seção dois, mobilizarei as áreas das literaturas de comportamento político e relações internacionais pertinentes ao tema (investimentos estrangeiros, opinião pública, relações sino-brasileiras) a fim de trazer uma discussão teórica sobre o meu objeto de pesquisa. Na seção três apresentarei meu desenho de pesquisa, detalhando os dados que serão utilizados, bem como o método empírico que usarei para testar minha hipótese principal. A seção quatro contará com os resultados das análises feitas, além de uma discussão sobre os mesmos. Na seção cinco, tratarei das limitações desta pesquisa, e na seção seis concluirei com um breve resumo

dos principais achados deste trabalho, bem como com sugestões de caminhos para futuras pesquisas que busquem aprofundar mais a discussão sobre esse tema.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS E OPINIÃO PÚBLICA

A literatura sobre investimentos estrangeiros costuma focar muito nos resultados econômicos desse tipo de atividade, seja para o país que investe, seja para o país que recebe os investimentos. Efeitos políticos também são observados, como resultados eleitorais positivos aos incumbentes que atraem esses investimentos (JENSEN et al., 2015). Em tempos recentes, essa literatura tem dado uma maior atenção ao que os cidadãos pensam sobre esse tipo de investimento, tanto na opinião pública do país que recebe (FENG et al., 2019), quanto na opinião pública do país que investe (KIM et al., 2022). Fatores como a globalização e a resposta nacionalista vista em alguns países decorrente desse fenômeno explicam esse crescimento recente, e apontam para a necessidade de se investigar mais a fundo como esse tipo de investimento se relaciona com a percepção dos indivíduos.

Investimentos estrangeiros também podem ser vistos como uma forma de cultivar *soft power*. Joseph Nye define *soft power* como a capacidade de influenciar o comportamento de outros atores através de atração, vis-à-vis coerção (NYE, 2008). Para além dos interesses puramente comerciais, países podem buscar por meio da expansão de sua presença econômica em outras regiões aquilo que Nye chama de “conquistar corações e mentes”, isto é, melhorar sua imagem internacional perante a opinião de um público externo.

Esses investimentos podem produzir efeitos bastante positivos na economia local, como crescimento econômico, geração de empregos e o desenvolvimento de infraestrutura. É razoável imaginar que em um cenário como esse, as pessoas projetem uma imagem positiva daquele país responsável pelo investimento feito. Porém, também pode existir a percepção de efeitos negativos ligados a esses investimentos. Questões como a exploração da mão de obra ou dos recursos naturais, bem como externalidades negativas como a poluição ambiental podem afetar negativamente a imagem do país envolvido.

A popularidade de discursos nacionalistas e etnocentristas em um país também se relacionam com a percepção pública. Andrews et al. (2018) argumentam como o etnocentrismo dificulta o estabelecimento de uma relação de confiança necessária para formar e manter relações contratuais entre dois países, além de gerar uma animosidade à produtos de origem estrangeira. Esse argumento é demonstrado pelos autores por meio de um estudo feito nos Estados Unidos, em que estados com maior nível de etnocentrismo recebem menos investimentos estrangeiros diretos.

A área na qual o investimento se dá também influencia a percepção pública. Setores vistos como estratégicos pelo país receptor — como o setor energético e o tecnológico — podem gerar uma maior desconfiança em relação ao envolvimento de empresas estrangeiras. O tipo de investimento é outro fator importante na percepção pública, por exemplo; uma parceria entre empresas dos dois países pode ser vista com mais confiança pelas pessoas do que um investimento que vise a total aquisição de um ativo local (URDINEZ, 2023). A expectativa sobre como a opinião pública vai reagir aos investimentos estrangeiros não é algo fácil de determinar, pois dependerá da conjuntura desses diversos fatores, tanto econômicos quanto pós-materiais.

Ao olhar mais de perto para o que forma essa percepção que os cidadãos têm dos empreendimentos conduzidos por empresas e países estrangeiros, seja ela positiva ou negativa, é possível mobilizar diversos outros fatores que se relacionam, de maneira complexa, à formação da opinião pública. O papel da mídia e dos meios de comunicação, estudado mais a fundo pelo campo da comunicação política, é um desses fatores. Iyengar (2017) discute como as mídias geram certos efeitos no público, entre eles a “*agenda setting*” (A capacidade de pautar o debate público, dando mais ou menos cobertura a um determinado assunto) e o “*framing*” (o “enquadramento” com o qual um assunto é tratado), que podem ser utilizados para moldar a opinião das massas em determinadas direções. A maneira como as lideranças políticas tratam os investimentos também influenciam na percepção pública acerca destes (DRUCKMAN, 2022), por exemplo; uma retórica nacionalista vinda de certos líderes, que denuncie a presença econômica estrangeira no país como uma ameaça à soberania nacional, pode persuadir eleitores a verem os investimentos estrangeiros por uma ótica negativa.

Questões mais individuais, como os valores, crenças e ideologias das pessoas, também se relacionam com a percepção que elas têm do mundo (FEDERICO, 2019). Nessa discussão, o conceito de “atitude” é bem relevante. Esse conceito pode ser entendido, de maneira geral, como uma “expressão de aprovação ou desaprovação em relação a uma pessoa, lugar, coisa ou evento” (KNUTSEN, 2018). A atitude de um indivíduo é uma tendência psicológica de avaliar um determinado objeto com algum grau de simpatia ou rejeição. O conceito de atitude é complexo, e possui diferentes definições (incluindo algumas mais elaboradas, como modelos que diferenciam os componentes cognitivo, afetivo e comportamental). No contexto desse trabalho, eu busco observar a mudança na atitude das pessoas em relação a um objeto (o país que investe, nesse caso), tendo como gatilho para essa mudança os investimentos feitos. De maneira mais clara,

minha suposição é que os efeitos positivos ou negativos percebidos pelos cidadãos em relação a um determinado investimento realizado afete a atitude destes mesmos cidadãos em relação ao país responsável por aquele investimento.

É importante salientar que a relação entre opinião pública e as relações internacionais é um tema de interesse relativamente recente. Historicamente, teorias tradicionais de relações internacionais, como o realismo clássico de Hans Morgenthau (1948), e o neorealismo estrutural de Kenneth Waltz (1979) conferem pouca importância à opinião pública. O postulado de que os Estados são atores racionais que agem com base no interesse nacional e na distribuição de poder no sistema internacional não deixa espaço algum para que a opinião dos cidadãos seja levada em conta no processo de tomada de decisão em política externa. Outras questões frequentemente levantadas são a falta de conhecimento em temas de política externa por parte dos cidadãos e a baixa saliência que esses temas costumam ter se comparados a questões mais próximas das pessoas como saúde, educação e segurança pública (MILNER & TINGLEY, 2013). Porém, a conexão entre opinião pública e questões de relações internacionais veio ganhando mais atenção no meio acadêmico com o tempo, conforme modelos teóricos apontavam para a importância da imagem dos países no contexto internacional.

Nesse contexto, a teoria de imagem (*image theory*) sugere que a percepção dos indivíduos é afetada por imagens pré-concebidas dos outros países (e de seu próprio país também, neste caso a imagem nacional). Na prática, as pessoas interpretariam informações de forma coerente com suas expectativas sobre determinados países, buscando informações que confirmem essas expectativas ou rejeitando informações que vão de encontro a imagem criada. Diversas tipologias foram propostas para classificar os tipos mais recorrentes de imagem, Herrmann et al. (1997) por exemplo, identificam

quatro tipos ideais: inimigo, aliado, colônia e degenerado, e posteriormente conduzem alguns testes, por meio dos quais, foi encontrado que a imagem induzida de um país fictício afetou significativamente a maneira com a qual os voluntários percebiam as informações recebidas sobre este país, em especial as imagens de inimigo, aliado e colônia.

Como argumenta Laura Neack (2018), países se importam com sua imagem internacional, e alocam recursos na tentativa de afetá-la de diversas maneiras. Neack cita a utilização de meios de comunicação estatais em outros países, como é o caso da rede de televisão Russia Today, fundada e financiada pelo Estado russo e que esteve envolvida em alegações de interferência no referendo do Brexit em 2016 (RUY, 2020). Longe de ser o único exemplo, diversos países mantêm canais de comunicação internacionais, como o Catar com a Al Jazeera, a França com a France 24 e a China com a CGTN (China Global Television Network).

Na literatura de *soft power* encontramos o conceito de diplomacia pública, que diz respeito às relações de comunicação estabelecidas entre um governo e o público externo de outros países. Esta comunicação teria como objetivo melhorar a imagem internacional deste país, influenciando nas percepções, preferências e ações dos cidadãos estrangeiros de maneira favorável aos interesses do país remetente. Existem várias formas que a diplomacia pública pode se manifestar, Custer et al. (2018) propõem uma tipologia com cinco categorias, entre elas a diplomacia financeira, que engloba toda forma de investimento que tenha como objetivo melhorar a imagem pública do país remetente.

Olhando para os investimentos estrangeiros através dessa lente da diplomacia pública e do *soft power*, é útil investigar a relação desta com a imagem do país investidor frente ao público do país que recebe os investimentos. O principal objetivo desta pesquisa

é contribuir para a crescente literatura sobre opinião pública e investimentos estrangeiros oferecendo um estudo de caso dos investimentos chineses feitos no Brasil, e como eles se relacionam com a opinião dos brasileiros sobre o governo chinês.

## 2.2 CHINA E A OPINIÃO PÚBLICA BRASILEIRA

As últimas duas décadas foram marcadas por um enorme crescimento da presença econômica chinesa ao redor do mundo. Desde o ano de 2000, quando o presidente chinês Jiang Zemin anunciou formalmente a estratégia “*going out*”, que consistia na internacionalização da economia do país, o governo chinês vem investindo globalmente nos mais diversos setores. Na América Latina, as relações comerciais com a China envolvem investimentos no setor energético, financeiro, de transportes e infraestrutura, bem como no setor extrativista, com a busca por *commodities* agrícolas e minerais, além do fornecimento de assistência financeira, como empréstimos e financiamentos (AVENDANO et al., 2017).

O Brasil é um país central nas relações sino-latino-americanas, sendo o principal destino dos investimentos chineses na região, tendo recebido entre 2007 e 2020 cerca de 47% dos investimentos alocados para a América do Sul. No mesmo período, as empresas chinesas efetivaram um total de 176 empreendimentos, somando um valor de US\$ 66,1 bilhões. Esses investimentos se espalham por todas as cinco regiões do país, e tem como principais alvos o setor de energia elétrica (48%), seguido da extração de petróleo e gás (28%), e da extração de minerais metálicos (7%) (CARIELLO, 2021). Por conta desse contexto, as relações sino-brasileiras apresentam um ótimo caso para observarmos como os investimentos estrangeiros afetam a imagem internacional do país investidor na opinião pública daquele que recebe os investimentos.

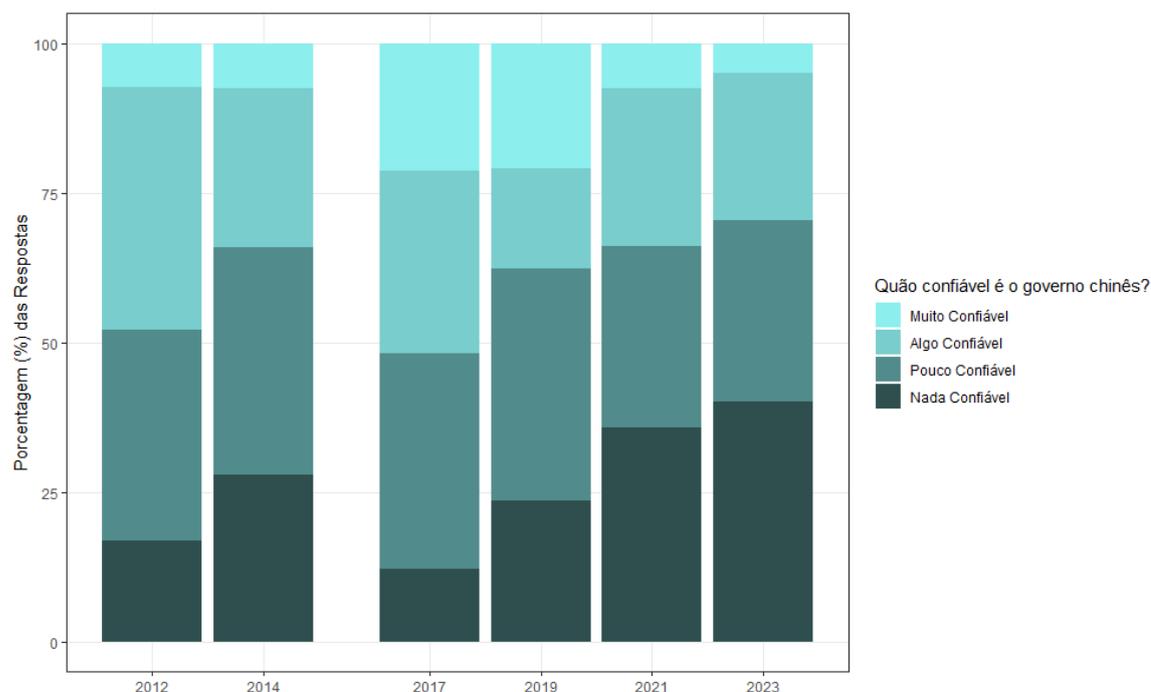
Armony e Velásquez (2016) conduzem um estudo exploratório na percepção da opinião pública sobre a China na América Latina, com foco especial para o Brasil. Neste estudo, que leva em conta a rodada de 2012 da pesquisa de opinião conduzida pelo LAPOP, os autores encontram que a influência chinesa na região é vista de maneira moderadamente positiva (uma média de 63 em uma escala de 0 a 100), e que essa percepção é relativamente homogênea entre os 22 países observados. Ao olhar para o Brasil, os autores descobriram que fatores como a ideologia e variáveis socioeconômicas (renda e escolaridade) dos participantes não afetaram de maneira significativa a variação na confiança, levando-os a propor existência de uma “lua de mel” entre a recente presença econômica chinesa e a opinião pública brasileira, na qual as relações comerciais mutuamente benéficas (e favoráveis ao Brasil na balança comercial) explicavam a visão positiva dos brasileiros em relação ao governo chinês.

Porém, eles também argumentam que conforme os laços sino-brasileiros forem amadurecendo, a relação entre os dois países se tornará mais complexa. Na medida em que as firmas chinesas forem adentrando cada vez mais o mercado brasileiro, o contato direto será cada vez mais frequente, e novos desafios deverão surgir, desafios esses que não se resumirão exclusivamente às relações estatais ou empresariais, mas que envolverão de maneira transversal uma ampla variedade de atores, incluindo os cidadãos comuns. Portanto, essa “lua de mel” proposta não deve ser tomada como garantida para o futuro.

Ao olharmos para a variação na opinião pública sobre a China ao longo dos anos, notamos claramente um encolhimento da visão ligeiramente positiva que os brasileiros tinham em 2012. No Gráfico 1 podemos ver a distribuição em porcentagem da confiança da opinião pública brasileira em relação ao governo chinês nas seis rodadas da pesquisa de opinião do LAPOP. É notável como a taxa de desconfiança cresceu com o tempo

(apesar de ter diminuído em 2017, logo retornou a aumentar na rodada seguinte). O último ano, por exemplo, apresentou a menor taxa de pessoas respondendo que o governo chinês é muito confiável (5%) em todo o período, ao mesmo tempo em que apresentou a maior taxa de respostas considerando o governo chinês nada confiável (40,1%). Em cinco das seis rodadas, mais da metade dos respondentes mostraram ter uma percepção desfavorável do governo chinês. Em 2023, a soma das categorias negativas totalizou 70,3% das respostas.

**Gráfico 1: Confiança dos brasileiros no governo chinês**

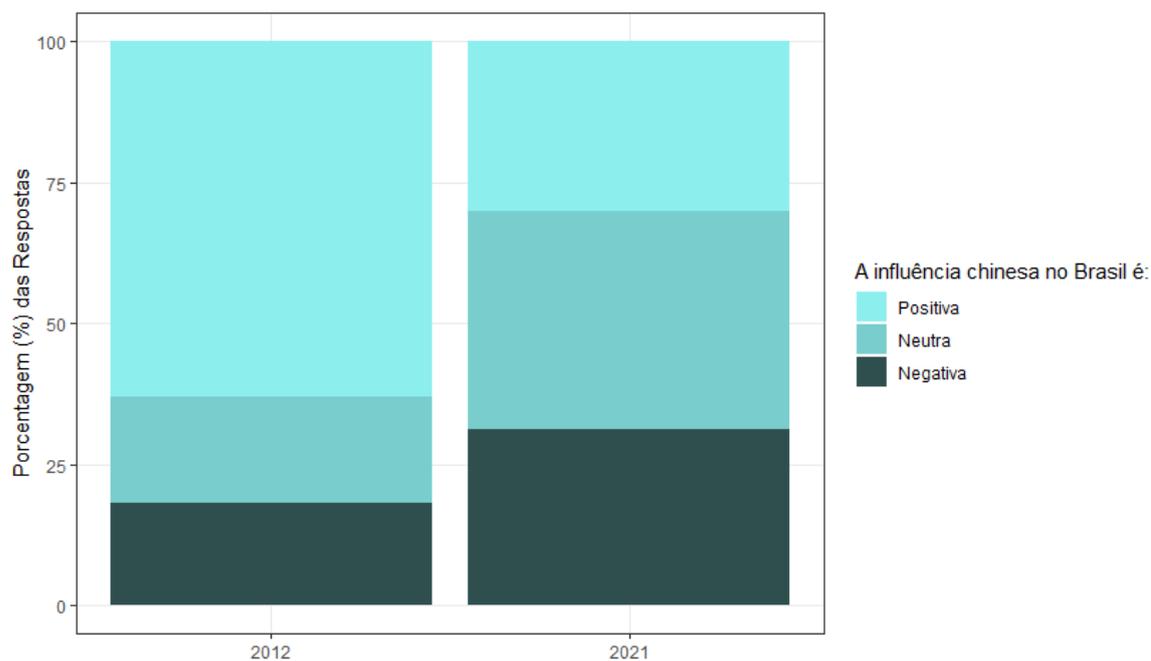


**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do LAPOP.

A natureza da influência da China no Brasil também mudou, na opinião dos brasileiros. O Gráfico 2 mostra as respostas em porcentagem a questão do LAPOP que pergunta aos entrevistados como eles percebem a influência chinesa no país. Essa

questão, formulada de maneira um pouco diferente e que consta apenas nas rodadas de 2012 e 2021, nos dá um outro indicativo de como a imagem da China perdeu prestígio entre os brasileiros em tempos recentes. Esse panorama é algo importante de se levar em conta, uma vez que, como sugere a teoria de imagem (*image theory*), é com base na percepção prévia que os indivíduos têm de um determinado país que eles irão interpretar novas informações recebidas em relação a este país. Os investimentos feitos pela China (ou por qualquer outro país) podem ser recebidos com desconfiança caso o país investidor tenha uma reputação negativa na opinião dos cidadãos do país que recebe os investimentos.

**Gráfico 2: Natureza da influência chinesa no Brasil**



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do LAPOP.

Os empreendimentos chineses na América Latina (principalmente aqueles relacionados à extração de recursos) se diferenciam dos investimentos feitos por outros países em dois aspectos. Primeiro, as empresas chinesas tendem a preferir comprar os direitos para extrair um determinado recurso do que simplesmente comprar a matéria-prima no mercado, o que faz com que as empresas chinesas tenham uma presença forte e visível na comunidade em que está presente, impactando na geração de emprego, condições de trabalho e gestão das consequências ambientais derivadas da extração. Em segundo lugar, as empresas chinesas costumam estar intimamente ligadas ao governo chinês, sendo controladas de maneira total ou parcial pelo Estado. Várias consequências surgem disso, sendo a principal delas para o âmbito deste trabalho o fato de que essa relação faz com que as empresas chinesas sejam percebidas de forma indissociável do Estado chinês. Logo, qualquer repercussão, seja ela positiva ou negativa, afetaria diretamente a popularidade do governo chinês naquela população (RATIGAN, 2021).

Dito isso, é natural esperar que resultados econômicos positivos decorrentes de investimentos chineses, como geração de empregos e desenvolvimento local, influenciem positivamente a atitude dos cidadãos em relação ao governo chinês. Eleitoralmente, um estudo feito por Erica Owen (2018) mostrou que o anúncio de um novo projeto realizado por meio de investimento estrangeiro direto afetou positivamente as chances de reeleição de prefeitos no Brasil. Esse resultado sugere que os cidadãos brasileiros possuem, a princípio, uma visão positiva dos investimentos vindos de fora. Porém, outros estudos indicam que externalidades econômicas negativas, bem como fatores como o nacionalismo, etnocentrismo e sentimentos antiglobalização afetam a percepção pública sobre esses investimentos (URDINEZ, 2023). Isso é especialmente importante de se levar em conta quando falamos do caso chinês, uma vez que a percepção pública sobre os

investimentos chineses é particularmente diferente daquela sobre investimentos feitos por outros países.

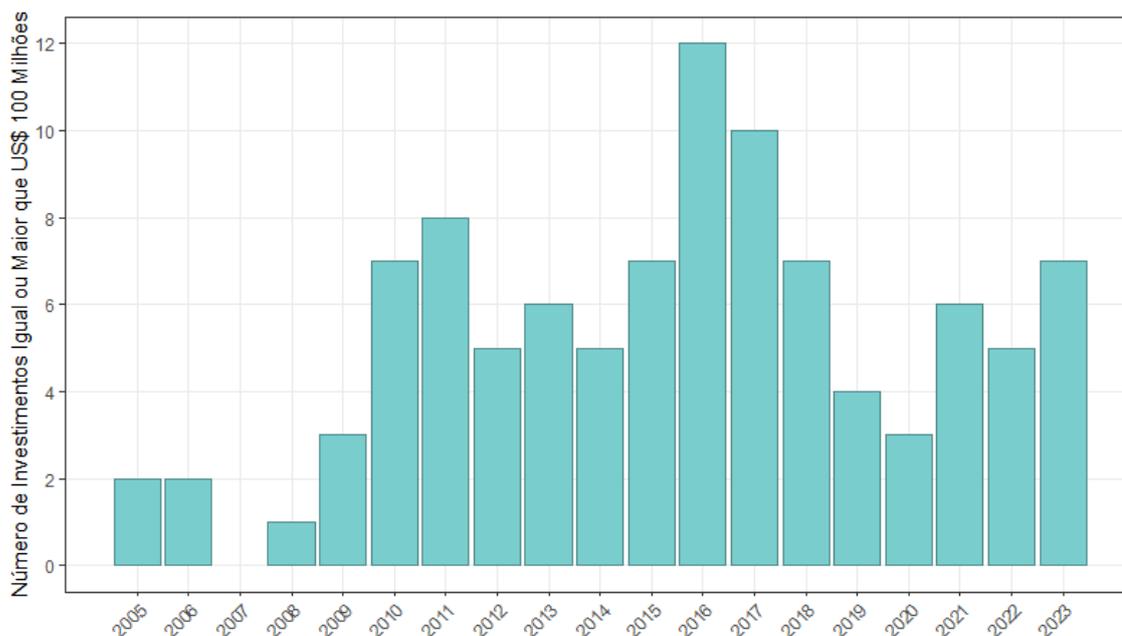
Li et al. (2019) mostram como a opinião pública canadense é especialmente desfavorável a investimentos de origem chinesa, em comparação a investimentos de outros países. Dentre as preocupações frequentemente citadas estão a perda de controle sobre os recursos, condições de trabalho inadequadas, danos ambientais e riscos de segurança. Em vários países ao redor do mundo, diversas empresas chinesas vêm sendo acusadas ao longo dos anos de roubo de tecnologia, grilagem de terras, compra de ativos estratégicos e competição injusta, levando a questão dos investimentos chineses ao debate político, onde lideranças falam abertamente contra a presença econômica chinesa em seus países (URDINEZ, 2023). No Brasil, o forte discurso contra os investimentos chineses por parte do então candidato à presidência Jair Bolsonaro trouxe resultados eleitorais favoráveis nas eleições de 2018, nos municípios onde houveram maiores aquisições por parte de empresas chinesas (URDINEZ, 2023).

Uma outra variável importante nesse contexto é a cobertura midiática feita sobre a China. Huang et al. (2021) realizam uma extensa pesquisa envolvendo mais de 250 mil artigos sobre a China publicados no jornal *The New York Times* em um período de quase 50 anos, encontrando uma relação significativa entre a cobertura jornalística feita sobre a China em um ano e a variação na opinião pública dos Estados Unidos no ano seguinte. Infelizmente não foi encontrado um estudo equivalente que leve em conta a influência da mídia no contexto brasileiro, em especial ao *framing* com o qual as redes de comunicação locais tratam da China.

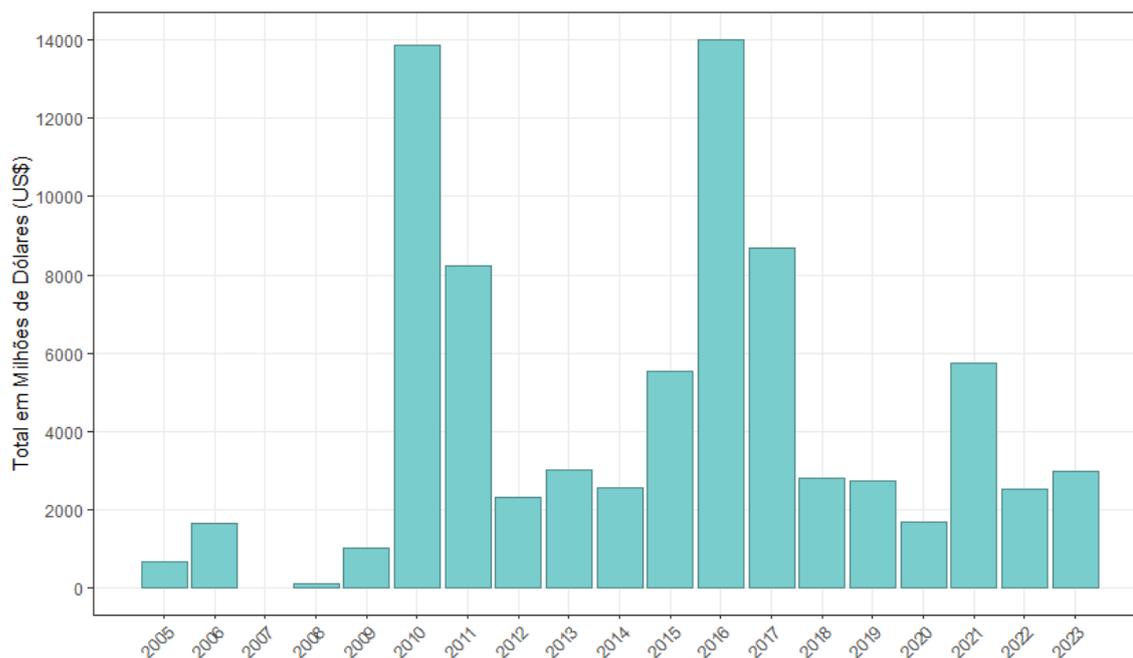
O padrão da presença econômica chinesa no Brasil mudou muito ao longo da última década. 2022 por exemplo registrou uma queda acentuada de 78% nos

investimentos chineses no Brasil em relação a 2021, apesar disso, o número de projetos confirmados cresceu em 14%. O diretor de conteúdo e pesquisa do Conselho Empresarial Brasil China (CEBC) Tulio Cariello explica que isso ocorre por conta de uma evolução do estágio dos investimentos, que deixam de focar tanto em aquisições e passam a ser direcionados por exemplo, na expansão da produção de uma fábrica adquirida, ou na manutenção de ativos (CARIELLO, 2023; POLO, 2023). O Gráfico 3 mostra a quantidade de investimentos de grande porte (acima de U\$ 100 milhões) feitos pela China no Brasil entre 2005 e 2023. No Gráfico 4 podemos ver a soma do valor desses investimentos no mesmo período. Tendo em vista esse panorama, onde tanto os investimentos chineses quanto a atitude das pessoas em relação à China variaram ao longo do tempo, torna-se interessante observar o padrão de correlação entre essas duas variáveis.

**Gráfico 3: Número de investimentos chineses de grande porte no Brasil**



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do CGIT.

**Gráfico 4: Soma dos investimentos chineses de grande porte no Brasil**

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do CGIT.

### 3. DESENHO DE PESQUISA

Minha expectativa teórica é de que a taxa de confiança da opinião pública brasileira em relação ao governo chinês varie conjuntamente com a quantidade total de investimentos alocados pela China no país. Levando em conta que ambas as variáveis apresentaram queda em anos recentes, formulei a seguinte hipótese a ser testada:

**H1:** *A variação na confiança da opinião pública brasileira sobre o governo chinês se correlaciona positivamente com a variação nos investimentos feitos pela China no Brasil.*

Esse teste será feito por meio do coeficiente de correlação de Pearson. A relevância estatística da análise se dará pelo valor-p, levando em conta o limiar convencional de 0,05. A opinião pública sobre a China é a variável dependente, e ela foi

mensurada utilizando o banco de dados “Barômetro das Américas” feito e disponibilizado pelo laboratório de pesquisa LAPOP. Nele, selecionei a pergunta feita sobre o quão confiável é o governo chinês na visão da pessoa entrevistada (a pergunta é feita da seguinte maneira: “O governo da China. Na sua opinião ele é muito confiável, algo confiável, pouco confiável, nada confiável, ou não tem opinião?”), sendo as respostas registradas em uma escala de 1 a 4). Essa pergunta passou a ser feita nos questionários do LAPOP a partir de 2012, e atualmente consta em seis rodadas do *survey* (2012, 2014, 2017, 2019, 2021 e 2023). Para o teste de hipótese, eu utilizei todas as seis rodadas disponíveis para observar a variação na opinião dos brasileiros sobre a China, somando as respostas positivas (“muito confiável” e “algo confiável”) para obter a porcentagem da opinião pública que demonstra algum grau de confiança no governo chinês. O Gráfico 1, apresentado na seção anterior, mostra a distribuição da porcentagem desta variável em todas as seis rodadas.

Para a variável explicativa, utilizei o banco de dados “*China Global Investment Tracker*”, publicado pelo *American Enterprise Institute*. Nele, são compilados dados referentes aos investimentos chineses feitos em diversos países ao redor do mundo, no período de 2005 a 2023. Uma observação importante a ser feita é que o CGIT inclui apenas investimentos avaliados em US\$ 100 milhões ou mais, apesar disso acredito que a omissão de projetos de menor escala não afete significativamente a análise, uma vez que é razoável imaginar que investimentos de grande porte sejam mais bem noticiados e impactem de forma direta ou indireta a vida de mais pessoas, consequentemente tendo um impacto maior na opinião pública. O Brasil conta, no momento desta pesquisa, com 100 entradas no CGIT. Os Gráficos 3 e 4 da seção anterior mostram a distribuição dessas entradas por ano, bem como o somatório do valor investido em cada ano.

Para esta análise, eu separei e somei o valor dos investimentos feitos nos dois anos anteriores a realização de uma rodada de pesquisa do LAPOP (ou seja, para a rodada de 2012 eu utilizei os investimentos feitos em 2010 e 2011, para a rodada de 2014 eu utilizei os investimentos feitos em 2012 e 2013, e assim por diante), e em seguida correlacionei com a soma das duas categorias positivas (“muito confiável” e “algo confiável”) presentes na pergunta sobre confiança no governo chinês, garantindo assim que houve um tempo para que os investimentos causassem impacto na opinião pública. Além disso, como as pesquisas do LAPOP costumam ser feitas no primeiro ou segundo trimestre do ano, não faria sentido utilizar os investimentos feitos no mesmo ano da pesquisa, pois parte deles se dariam após a mensuração da opinião dos participantes. Desta forma, minha expectativa é que a opinião pública em um determinado ano tenha sido afetada pelos investimentos feitos anteriormente aquele mesmo ano.

Adicionalmente, levando em conta que diversos outros fatores além dos investimentos se relacionam com a percepção pública sobre a China, eu desenvolvi um modelo de regressão linear para observar a associação da opinião das pessoas sobre o governo chinês com outras variáveis. Neste modelo, selecionei as variáveis socioeconômicas de renda e escolaridade, bem como ideologia e frequência com a qual acompanha notícias (todas essas retiradas das mesmas seis rodadas do LAPOP) para servirem de controle. A ideia aqui é investigar o quanto da opinião que os brasileiros têm sobre o governo chinês se associa a essas variáveis selecionadas, fornecendo assim um panorama mais amplo do comportamento da opinião pública em relação a esse tema.

Por fim, como tentativa de contornar uma limitação referente ao nível de análise apresentada pelo desenho de pesquisa que testa a hipótese principal (minhas variáveis dependente e independente se encontram em níveis de análise diferentes), também

realizei outro teste de regressão linear adicionando uma variável *proxy* de investimentos presente apenas na rodada de 2021, que mensura a percepção dos respondentes sobre o quanto a China influencia na economia brasileira.

#### 4. RESULTADOS

Tanto a variável de confiança no governo chinês mensurada pelo LAPOP, quanto a variável de investimentos mensurada pelo CGIT sofreram diminuições em anos recentes. Ao correlacioná-las da maneira descrita na seção anterior, o resultado obtido foi de 0.9082, o que indica uma forte correlação positiva entre a variação da opinião pública brasileira favorável ao governo chinês com a variação nos investimentos chineses feitos no país. Esse resultado é estatisticamente significativo, retornando um valor-p de 0.012, abaixo do limiar de 0.05. Desta forma, é possível confirmar a hipótese principal de que as duas variáveis estão relacionadas. Esse resultado sugere que conforme a China diminuiu seus investimentos no país, a imagem do governo chinês frente ao público brasileiro sofreu negativamente após essa diminuição. Dessa forma, seria possível supor que caso os investimentos tivessem se mantido constantes, a taxa de confiança no governo chinês talvez não tivesse caído tanto, apesar de que evidentemente essa suposição necessitaria de um teste empírico robusto, uma vez que diversos outros fatores impactaram na imagem internacional da China ao longo da última década.

Utilizando como referência o trabalho de Armony e Velásquez (2016), no qual foi encontrado que a variação na opinião pública brasileira sobre a China não é afetada por variáveis socioeconômicas nem pela ideologia, eu busquei replicar os testes feitos por esses autores usando todas as seis rodadas do LAPOP (o estudo original leva em conta apenas a rodada de 2012), a fim de observar se o padrão encontrado ainda se mantém, e

a ideologia, renda e escolaridade dos respondentes continua não se relacionando significativamente com a opinião pública brasileira sobre o governo chinês. Adicionalmente, inspirado pelo trabalho de Kerry Ratigan (2021), que olha para a relação entre a opinião pública peruana sobre o governo chinês e diversas outras variáveis, entre elas a frequência com que os respondentes acompanham os noticiários, também incluí essa variável nos modelos de regressão linear desenvolvidos. A Tabela 1 apresenta os resultados desses testes.

**Tabela 1: Testes de regressão por rodada<sup>1</sup>**

Variável dependente: Confiança no governo chinês						
Ano	2012	2014	2017	2019	2021	2023
Renda	-0.0196 (0.092)	0.0063 (0.419)	0.0153 (0.082)	0.0099 (0.450)		-0.0076 (0.406)
Escolaridade	-0.0162 (0.187)	0.0081 (0.339)	-0.0006 (0.957)	0.0250 (0.128)	0.0265 (0.543)	0.0257 (0.288)
Ideologia	0.0251 (0.107)	0.0131 (0.271)	-0.0018 (0.898)	0.0040 (0.846)		-0.0328 (0.004)
Acompanha Notícias	-0.0540 (0.166)	-0.0816 (0.028)	0.0064 (0.872)	-0.0747 (0.325)	0.0207 (0.684)	0.0175 (0.610)
R <sup>2</sup>	0.0301	0.0105	0.0057	0.0191	0.0005	0.0143
Observações	403	934	582	328	964	695

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do LAPOP.

<sup>1</sup> O Anexo 1 traz um guia de como interpretar os resultados dos coeficientes.

De maneira geral os resultados demonstram que há uma baixa relação entre as variáveis nos seis períodos analisados. O coeficiente de determinação ( $R^2$ ) dos modelos, que indica o quanto da variação na variável dependente é explicada pelas variáveis de controle, mostra valores baixos em todos os anos (o modelo de 2012, que teve o maior valor no  $R^2$ , só conseguiu explicar cerca de 3% da variação na opinião pública), mantendo assim válidos os achados de Armony e Velásquez de que a opinião pública brasileira sobre o governo chinês se mantém relativamente constante mesmo em diferentes grupos da sociedade. Isso é particularmente interessante de notar quando observamos a ideologia, uma vez que seria razoável supor que brasileiros que se identificam mais à esquerda do espectro político teriam uma simpatia maior pelo governo chinês do que brasileiros mais à direita, tanto por conta da China se apresentar como um país socialista, quanto por conta da retórica negativa vinda de várias lideranças da direita (como no caso de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018), e isso refletiria em uma forte relação entre as duas coisas.

Surpreendentemente a relação entre ideologia e opinião pública neste caso é relativamente fraca. Olhando para a direção dessa relação, um valor positivo indica que pessoas mais à direita tendem a confiar mais no governo chinês, enquanto que um valor negativo indica uma confiança maior vinda de pessoas à esquerda, dessa forma, os resultados mostram que em 2012, 2014 e 2019 pessoas mais à direita tendiam a confiar mais no governo chinês, enquanto que em 2017 e 2023 essa confiança veio mais da esquerda (apesar de que em todos os casos, especialmente 2017 e 2019, essa relação continua sendo bastante fraca).

A variável que mensura a frequência com que os entrevistados acompanham as notícias apresentou em 2014 o maior valor em toda a análise. Aqui, um resultado negativo indica uma relação entre o maior consumo de notícias e uma visão favorável da China,

resultado esse observado em 2012, 2014 e 2019, e o contrário em 2017, 2021 e 2023. A relação da opinião com a renda também variou, indicando uma relação positiva entre as pessoas com maiores salários e uma visão favorável do governo chinês em 2014, 2017 e 2019, e o contrário em 2012 e 2023. Quanto à escolaridade, os valores positivos observados em 2014 e de 2019 a 2023 sugerem que brasileiros com um maior nível de formação tendiam a confiar mais no governo chinês. Contudo, em todos os casos essa relação continua bastante fraca, e com um valor-p acima de 0,05 em quase todos os casos (as únicas exceções sendo “acompanha notícias” em 2014 e ideologia em 2023).

Idealmente, seria interessante testar como os investimentos chineses se relacionam à opinião pública tendo como controle as variáveis trazidas acima. Isso, no entanto não é possível, pois os dados sobre investimentos e os dados sobre opinião se encontram em níveis de análise diferentes (o primeiro está a nível de país/ano e o segundo a nível do indivíduo). Para que o teste de correlação principal pudesse ser feito, foi necessário agregar a variável de opinião pública a nível do país/ano, visto que não é possível, nem faz sentido, desagregar os dados de investimento a nível do indivíduo. Uma possível forma de contornar esse problema seria utilizar uma nova variável que exista ao nível de análise do indivíduo e que possa servir de *proxy* para os investimentos. Na rodada de 2021 do LAPOP existe a seguinte pergunta: “Quanta influência o(a) sr./sra. diria que a China tem sobre a economia brasileira?” (sendo as alternativas: muita, alguma, pouca ou nada). Essa questão oferece um olhar para como os respondentes percebem a amplitude da presença chinesa na economia brasileira, podendo assim servir de *proxy* para adicionar uma medida de investimentos em um teste de regressão com outras variáveis de controle.

A rodada de 2021 do LAPOP especificamente carece da variável de ideologia, enquanto que a variável de renda só foi perguntada para um grupo limitado de respondentes (grupo esse diferente daquele que foi questionado sobre a confiança no governo chinês), logo, essas duas variáveis ficaram de fora do modelo de regressão. A fim de suprir a ausência da variável de ideologia, eu mobilizei uma outra variável *proxy*, referente a como os entrevistados avaliavam o desempenho do governo Jair Bolsonaro, e adicionei à regressão. A Tabela 2 traz os resultados de três modelos desenvolvidos levando em conta as variáveis disponíveis.

**Tabela 2: Modelos de regressão com variáveis *proxy***

Variável dependente: Confiança no governo chinês (2021)			
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
Percepção de Presença Econômica	-0.0840 (0.096)		-0.0528 (0.273)
<i>Proxy</i> de Ideologia		0.2190 (<2e-16)	0.2066 (<2e-16)
Escolaridade			-0.0171 (0.750)
Acompanha Notícias			-0.0542 (0.440)
R <sup>2</sup>	0.0055	0.1294	0.1366
Observações	497	963	493

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do LAPOP.

O modelo 1 é uma regressão linear que leva em conta apenas a relação da confiança no governo chinês com a percepção da presença econômica chinesa no Brasil, que é a minha variável *proxy* de investimentos. O valor encontrado indica que há uma relação negativa entre a percepção de menor influência da China na economia brasileira e uma maior confiança no governo chinês<sup>2</sup>, em outras palavras, o coeficiente dessa regressão corrobora com o resultado obtido no teste da hipótese principal, sugerindo que uma percepção de maior presença econômica da China no Brasil está associada a opiniões mais positivas em relação ao governo chinês, apesar de que o valor encontrado se encontra muito abaixo da alta correlação obtida no teste principal.

O modelo 2 traz uma regressão entre a confiança no governo chinês com a variável utilizada como *proxy* de ideologia, referente a como os entrevistados avaliavam o desempenho do governo Bolsonaro. O resultado encontrado é bastante alto se comparado aos outros coeficientes, ainda que baixo se analisado em termos absolutos. O valor-p próximo de zero indica uma grande relevância estatística dessa relação, e mostra que pessoas com uma visão negativa do governo chinês tendem a avaliar o desempenho do governo Bolsonaro como muito bom. Esse resultado em partes contradiz a baixa relação entre ideologia e atitude em relação à China encontrada nos testes anteriores, no entanto, por se tratar de uma variável *proxy*, é importante enfatizar que os objetos sendo correlacionados não são exatamente os mesmos, e uma opinião favorável ou desfavorável do governo Bolsonaro muito provavelmente não é determinada apenas pela ideologia das pessoas.

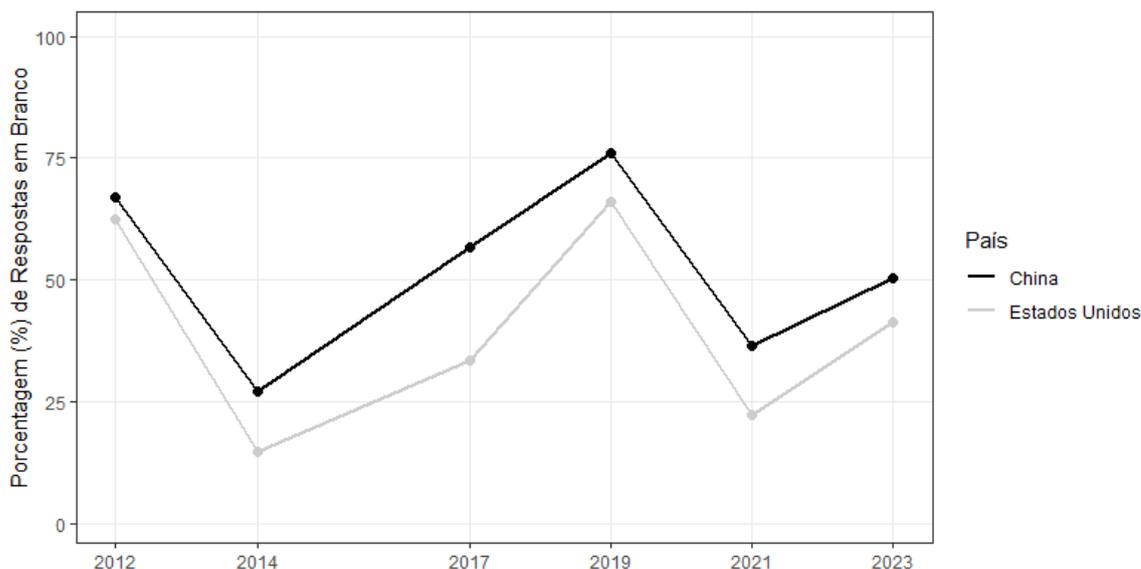
---

<sup>2</sup> Essa interpretação se dá dessa forma pois a variável dependente foi ajustada em todas as análises para melhor refletir o que está sendo medido (no banco de dados original, um valor maior indicava desconfiança, nos testes de regressão eu inverti os valores para que eles indiquem confiança, tornando mais intuitivos os resultados). Novamente, o guia presente no Anexo 1 deve tornar a interpretação mais clara.

No modelo 3, todas as variáveis disponíveis foram utilizadas como controle na regressão. O  $R^2$  encontrado é o maior entre todos os testes feitos, apontando que cerca de 13% da variação na variável dependente é explicada pelo modelo. Grande parte desse resultado veio da variável *proxy* de ideologia (o  $R^2$  do modelo 2 quase demonstrou o mesmo resultado de 13%). É interessante notar como os coeficientes desta, e da variável de percepção de influência econômica foram relativamente menores do que quando tratadas isoladamente, reforçando que as variáveis de escolaridade e consumo de notícias adicionadas de fato não possuem grande relação com a opinião pública sobre a China.

## 5. LIMITAÇÕES

Um dos principais problemas nas análises foi a enorme quantidade de pessoas que não souberam responder à questão sobre confiança no governo chinês no banco de dados do LAPOP. Ratigan (2021), também encontrou este mesmo problema em seu trabalho sobre a opinião pública dos peruanos em relação à China. Esse excesso de respostas em branco, segundo a autora, sugere que os cidadãos peruanos em geral não possuem uma opinião bem formada sobre a China, se comparado a outros países como os Estados Unidos. Olhando para a opinião pública brasileira, o Gráfico 5 traz uma comparação da porcentagem de respostas em branco entre a pergunta que trata da confiança no governo chinês e a pergunta que trata da confiança no governo americano. Em todas as rodadas o número de brasileiros que não souberam responder se confiam ou não no governo chinês foi maior do que a pergunta sobre o governo americano, isso nos indica que, assim como no caso peruano, os brasileiros em geral não possuem uma opinião tão bem formada sobre o governo chinês.

**Gráfico 5: Porcentagem de respostas em branco dos respondentes brasileiros**

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados do LAPOP.

Esse acaba sendo um problema para as análises de regressão feitas pois diminui consideravelmente o número de observações que podem ser usadas. Em termos de porcentagem, quatro das seis rodadas apresentaram uma taxa de respostas em branco acima de 50%. As tabelas com as regressões trazem o número total de observações disponíveis utilizadas em cada teste. A análise apresentada na Tabela 1 trouxe números particularmente baixos em 2012 (403 observações) e 2019 (328 observações), tornando difícil a generalização dos resultados obtidos com essa amostra para toda a população.

Com relação aos dados de investimentos, algumas considerações são necessárias. Primeiramente, já foi dito como o fato de que o CGIT só registrar investimentos iguais ou superiores a US\$ 100 milhões não deve ser, a princípio, um problema para a análise, da maneira como ela foi feita (uma vez que investimentos de grande porte são os mais prováveis de impactar na opinião de um maior número de pessoas). Porém, é importante lembrar que esse recorte existe, e que ele impede que observemos a variação no número

total de investimentos individuais feitos pela China nos países. Outra questão importante de salientar no CGIT é que falta certa granularidade nos dados. Os investimentos registrados aqui são agregados por país, e não apresentam informações acerca do local (região, estado, província, etc.) do país em que eles foram feitos. Caso existisse essa informação, seria possível fazer um desenho de pesquisa mais robusto, que olhasse para o impacto dos investimentos na opinião pública dos locais alvo desses investimentos.

Por fim, é importante dizer que os resultados obtidos nesse trabalho dificilmente podem ser generalizados para outros contextos, uma vez que se trata de um estudo de caso limitado às relações sino-brasileiras em um período específico de tempo. A fim de tornar os resultados generalizáveis, estudos posteriores poderiam analisar os impactos dos investimentos chineses na opinião pública regional dos países da América Latina, ou até em um contexto global, observando os investimentos chineses feitos em um grande número de países ao redor do mundo. Para este fim, outros bancos de dados deveriam ser mobilizados, em especial no que se refere aos investimentos, uma vez que o CGIT não possui muitas observações para países menores (por exemplo, na América Latina o país com maior número de investimentos registrados é o Brasil, com 100, a Argentina, que vem em segundo lugar, só possui 37 registros. Países menores, como os da América Central, possuem menos de 10 registros cada, muito provavelmente por conta do recorte de US\$ 100 milhões, que neste caso poderia ser um empecilho relevante).

## **6. CONCLUSÃO**

Neste trabalho busquei contribuir para o debate acerca dos efeitos dos investimentos estrangeiros na imagem internacional do país investidor, observando a relação que este tipo de atividade tem com a opinião pública do país que recebe os

investimentos. Inserido na interseção entre a área de comportamento político e a de relações internacionais, essa pesquisa também serve de contribuição para a literatura acerca das relações sino-brasileiras, que vem sendo cada vez mais relevante desde o começo deste século.

Tendo em vista a complexificação dessas relações na última década, este trabalho encontrou três principais achados pertinentes ao tema. Primeiramente, a confirmação da hipótese de pesquisa indica que existe sim uma relação entre os investimentos estrangeiros feitos em um determinado país, e a confiança da opinião pública local sobre o país investidor. Apesar das limitações impostas tanto pelos dados utilizados como pelo desenho de pesquisa, a fortíssima correlação encontrada aponta uma direção promissora para futuras pesquisas que objetivem olhar para essa relação mais a fundo, com dados e metodologias mais robustas.

Em segundo lugar, a baixa associação entre a opinião pública sobre a China e as variáveis adicionais utilizadas também chamam a atenção. Corroborando com os achados de Armony e Velásquez (2016), encontrei que a confiança dos brasileiros em relação ao governo chinês continua não tendo uma relação significativa com a renda, escolaridade, consumo de notícias e ideologia dos cidadãos. Este último em especial chama bastante atenção, dada a razoável expectativa de que a ideologia fosse afetar a opinião dos brasileiros sobre a China. Futuras pesquisas também poderiam olhar de forma mais aprofundada para essa relação entre ideologia e opinião pública em questões de política externa.

Em terceiro lugar, a grande quantidade de respostas em branco observadas no banco de dados do LAPOP sugere que a opinião pública brasileira ainda não tem uma percepção tão bem formada sobre o governo chinês. O que é curioso de notar, uma vez

que a presença da China no debate público tanto doméstico quanto internacional só vêm crescendo nos últimos tempos. Esse achado pode servir como argumento favorável (com ressalvas) a noção de que os cidadãos comuns não se importam muito com questões internacionais e de política externa, enquanto que esse cenário também oferece um ambiente propício para estudos que queiram analisar a efetividade de esforços que busquem capturar a opinião pública sobre esse tema, como a diplomacia pública do governo chinês, ou a influência das lideranças políticas brasileiras.

Por fim, diversas questões sobre esse tema permanecem em aberto, permitindo que outras pesquisas contribuam para a crescente literatura de opinião pública e investimentos estrangeiros. No caso das relações sino-brasileira, será útil observar como se dará o desenvolvimento dessa relação nos próximos anos, com um olhar atento para os efeitos disso na opinião pública, que se torna cada vez mais importante ao levar em conta a constante complexificação das relações entre países em um mundo cada vez mais globalizado.

## REFERÊNCIAS

ANDREWS, Sarah; LEBLANG, David; PANDYA, Sonal S. **Ethnocentrism reduces foreign direct investment**. *The Journal of Politics*, v. 80, n. 2, p. 697–700. 2018.

ARMONY, Ariel C.; VELÁSQUEZ, Nicolás G. **A honeymoon with China? Public perceptions in Latin America and Brazil**. *Revista Tempo do Mundo*, v. 2, n. 2, p. 17–34. 2016.

AVENDANO, Rolando; MELGUIZO, Angel; MINER, Sean. **Chinese FDI in Latin America: New trends with global implications**. Atlantic Council. 2017.

CARIELLO, Tulio. **Investimentos chineses no Brasil: Histórico, tendências e desafios globais (2007-2020)**. Conselho Empresarial Brasil-China. 2021.

CARIELLO, Tulio. **Investimentos chineses no Brasil (2022): Tecnologia e transição energética**. Conselho Empresarial Brasil-China. 2023.

CUSTER, Samantha; RUSSELL, Brooke; DILORENZO, Matthew; CHENG, Mengfan; GHOSE, Siddhartha; DESAI, Harsh; SIMS, Jacob; TURNER, Jennifer. **Ties that bind: Quantifying China’s public diplomacy and its “good neighbor” effect**. Williamsburg, VA: AidData at William & Mary. 2018.

DRUCKMAN, James. **A framework for the study of persuasion**. *Annual Review of Political Science*, v. 25, n. 1, p. 65–88. 2022.

FEDERICO, Christopher M. **Ideology and public opinion**. *In*: BERINSKY, Adam. *New Directions in Public Opinion*, p. 75–98. Routledge. 2019.

FENG, Yilang; KERNER, Andrew; SUMNER, Jane L. **Quitting globalization: Trade-related job losses, nationalism, and resistance to FDI in the United States**. *Political Science Research and Methods*, v. 9, n. 2, p. 292–311. 2019.

HERRMANN, Richard K.; VOSS, James F.; SCHOOLER, Tonya Y. E.; CIARROCHI, Joseph. **Images in international relations: An experimental test of cognitive schemata**. *International Studies Quarterly*, v. 41, n. 3, p. 403–433. 1997.

HUANG, Junming; COOK, Gavin G.; XIE, Yu. **Large-scale quantitative evidence of media impact on public opinion toward China**. *Humanities and Social Sciences Communications*, v. 8, n. 181, p. 1–8. 2021.

IYENGAR, Shanto. **A typology of media effects**. *In*: KENSKI, Kate; JAMIESON, Kathleen H. *The Oxford Handbook of Political Communication*, cap. 4, p. 59–68. Oxford University Press. 2017.

JENSEN, Natham M.; MALESKY, Edmund J.; WALSH, Matthew. **Competing for global capital or local voters? The politics of business location incentives**. *Public Choice*, v. 164, p. 331–356. 2015.

KIM, Hye-Sung; LEE, Youngchae; HUFFMON, Scott. **Public opinion on U.S. investment in foreign countries: Survey evidence from 11 southern states in the United States**. *Social Science Quarterly*, v. 103, p. 1113–1124. 2022.

KNUTSEN, Oddbjørn. **Attitudes, values and belief systems**. *In*: FISHER, Justin et al. *The Routledge Handbook of Elections, Voting Behavior and Public Opinion*, cap. 27, p. 343–356. Routledge. 2018.

LI, Xiaojun; KUANG, Yingqiu; ZHANG, Linting. **Misperceptions of chinese investments in Canada and their correction: Evidence from a survey experiment.** Canadian Journal of Political Science, v. 52, n. 2, p. 285–302. 2019.

MILNER, Helen V.; TINGLEY, Dustin. **Public opinion and foreign aid: A review essay.** International Interactions, v. 39, n. 3, p. 389–401. 2013.

MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: The struggle for power and peace.** Knopf. 1948.

NEACK, Laura. **Public opinion and media.** *In*: NEACK, Laura. Studying foreign policy comparatively: Cases and analysis, ed. 4, p. 117–160. Rowman & Littlefield. 2018.

NYE, Joseph S. **Public Diplomacy and Soft Power.** The Annals of the American Academy of Political and Social Science, v. 616, p. 94–109. 2008.

OWEN, Erica. **Foreign direct investment and elections: The impact of greenfield FDI on incumbent party reelection in Brazil.** Comparative Political Studies, v. 52, n. 4, p. 613–645. 2018.

POLO, Érica. **Investimento chinês no Brasil desaba, mas aposta no país segue firme.** Valor Investe. 2023. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2023/08/29/investimento-chines-no-brasil-desaba-mas-aposta-no-pais-segue-firme.ghtml>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2024.

RATIGAN, Kerry. **Are Peruvians Enticed by the “China Model”? Chinese Investment and Public Opinion in Peru.** Studies in Comparative International Development, v. 56, p. 87–111. 2021.

RUY, Donatienne. **Did Russia influence Brexit?**. Center for Strategic and International Studies. 2020. Disponível em: <<https://www.csis.org/blogs/brexit-bits-bobs-and-blogs/did-russia-influence-brexit>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2024.

URDINEZ, Francisco. **“They own our country!” voter reaction to anti-China rhetoric: The case of the presidential election in Brazil in 2018**. Electoral Studies, v. 86. 2023.

WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Addison-Wesley. 1979.

## ANEXOS

### **Anexo 1: Como interpretar a direção dos coeficientes nos testes de regressão linear**

**Variável Dependente:** Opinião favorável ao governo chinês

**Relação da VD com a Renda:** Um valor positivo significa que pessoas com maior renda confiam mais no governo chinês. Um valor negativo significa que pessoas com menor renda confiam mais no governo chinês.

**Relação da VD com a Escolaridade:** Um valor positivo significa que pessoas com maior nível de formação confiam mais no governo chinês. Um valor negativo significa que pessoas com menor nível de formação confiam mais no governo chinês.

**Relação da VD com a Ideologia:** Um valor positivo significa que pessoas mais à direita confiam mais no governo chinês. Um valor negativo significa que pessoas mais à esquerda confiam mais no governo chinês.

**Relação da VD com o Consumo de Notícias:** Um valor positivo significa que pessoas que acompanham as notícias com menor frequência confiam mais no governo chinês. Um valor negativo significa que pessoas que acompanham as notícias com maior frequência confiam mais no governo chinês.

**Relação da VD com a *proxy* de Investimentos (percepção de presença econômica):** Um valor positivo significa que pessoas que percebem uma menor presença da China na economia brasileira confiam mais no governo chinês. Um valor negativo significa que pessoas que percebem uma maior presença da China na economia brasileira confiam mais no governo chinês.

**Relação da VD com a *proxy* de Ideologia (avaliação do governo Bolsonaro):**

Um valor positivo significa que pessoas que avaliam negativamente o desempenho do governo Bolsonaro confiam mais no governo chinês. Um valor negativo significa que pessoas que avaliam positivamente o desempenho do governo Bolsonaro confiam mais no governo chinês.

## ANEXOS

### **Anexo 2: Dados e código das análises**

As versões brutas de todos os dados utilizados, bem como os scripts de código, estão disponíveis na plataforma OSF (*Open Science Framework*) por meio deste endereço eletrônico: < [https://osf.io/3n5vt/?view\\_only=242c4164952c4675b352c67a595cf103](https://osf.io/3n5vt/?view_only=242c4164952c4675b352c67a595cf103) >.